

Quando era miúdo, no final dos anos setenta, um dia decidi que, quando fosse grande, queria ser astrónomo. Consciente de que tal escolha implicaria muitas horas a olhar para o céu nocturno, e de que quanto mais cedo começasse, melhor, durante os anos seguintes passei um número incontável de serões com os olhos virados para as estrelas. Uma a uma, fui “descobrimo” as constelações que me era permitido observar das janelas de casa. Fui coleccionando livros e revistas, e decorando o mapa celeste. Com orgulho, identifiquei as posições dos planetas principais, depois observei fascinado alguns dos mais belos objectos de Messier, e acompanhei o percurso do cometa Halley, entre outros. Nessa altura, o céu à noite ainda era suficientemente escuro para ficarmos extasiados com a imensidão de pontos luminosos, mesmo numa pequena cidade do interior. Com a minha idade, passar horas nocturnas fora de casa, com uns binóculos e uma máquina fotográfica, era um privilégio raramente concedido, apenas reservado para acontecimentos pontuais como eclipses lunares ou chuvas de meteoros. Creio que atingi o apogeu instrumental da minha carreira juvenil de astrónomo amador com a compra de um pequeno telescópio refractor – aparelho que hoje se vende em lojas de brinquedos mas cujas características, à época, me faziam sentir na vanguarda da observação. E foi efectivamente munido daquilo que hoje chamaríamos um telescópio de brinquedo – e de fraca qualidade! – que, há precisamente quatrocentos anos, Galileu revolucionou o nosso conhecimento do universo. Fê-lo apontando a objectiva do instrumento para os céus, e descobrimo que estes, na verdade, não era mais perfeitos do que o nosso planeta. Por outro lado, a Terra também não era assim tão importante que tudo rodasse ao seu redor, conforme concluiu ao descobrir quatro dos satélites de Júpiter. O que hoje é óbvio foi, na altura, uma blasfémia. Mas o progresso era irreversível, e estavam lançadas as sementes da astronomia moderna. O ponto de viragem foi de tal modo marcante na

história da humanidade que, passados quatro séculos, é justo e importante que o celebremos. Por esse motivo, este foi nomeado o Ano Internacional da Astronomia – AIA2009. Neste espírito comemorativo, dedicámos integralmente esta edição da Gazeta à astronomia. Temos o privilégio de poder contar com as contribuições de renomados investigadores e divulgadores, entre os quais gostaria de destacar os artigos de Rosa Doran, coordenadora internacional do Galileo Teacher Training Program, no âmbito do AIA2009, ou Rui Agostinho, que descreve a sua formação como astrónomo através dos livros que a moldaram. Espreitemos o futuro, através dos planos para grandes projectos com a participação de Portugal, como o observatório de raios gama, o detector subterrâneo de matéria escura, ou as oportunidades no seio da Agência Espacial Europeia. Recordamos o passado, desde a aventura dos canais de Marte, ao eclipse de 1919, ao próprio acervo histórico da Gazeta de Física, de que iniciámos recentemente a digitalização e disponibilização online, e que nos tem revelado muitas curiosidades sobre os primeiros anos da revista. E questionamos os caminhos do presente: a entrevista com a jovem investigadora Patrícia Castro mostra que, apesar dos muitos avanços, ainda falta responder a questões fundamentais que condicionam as perspectivas da actual geração de cientistas, se se quer que haja verdadeiro futuro para a ciência em Portugal. Ficaria satisfeito se, daqui a alguns anos, fosse apenas uma curiosidade histórica para os futuros leitores da Gazeta o facto de que, no início do séc. XXI, ainda era complicado seguir a carreira de cientista no nosso país. Quanto a mim, acabei por enveredar por outros ramos da física, e não me tornei astrónomo como pensava. Mas não foi por isso que perdi o fascínio de continuar a contemplar o céu nocturno e a acompanhar o que se passa no vasto Universo. E a pensar quando chegará o dia em que, inevitavelmente, descobriremos vida fora do nosso planeta. Numa época de tantas incertezas, a consciência da nossa pequenez à escala cósmica é a melhor forma de esquecer por alguns instantes os nossos problemas.

Gonçalo Figueira

Ficha Técnica

Propriedade

Sociedade Portuguesa de Física
Av. da República, 45 – 3º Esq.
1050-187 Lisboa
Telefone: 217 993 665

Equipa

Teresa Peña (Directora Editorial)
Gonçalo Figueira (Director Editorial Adjunto)
Carlos Herdeiro (Editor)
Filipe Moura (Editor)
Tânia Rocha (Assistente Editorial)
Adelino Paiva (Assistente Editorial)
Ana Sampaio (Tradutora)

Secretariado

Maria José Couceiro
mjose@spf.pt

Colunistas e Colaboradores regulares

Jim Al-Khalili
Carlos Fiolhais
Constança Providência
Ana Simões

Colaboraram também neste número

Rui Agostinho, Mário Amaral, Lucília Brito,
Paulo Crawford, Rosa Doran, Paulo J. V.
Garcia, Askari Ghasempour, T.A. Girard,
António P. Leite, Paulo V. S. Marques, Fernando
Nogueira, Cláudia Rola, Rui Curado Silva

Design / Produção Gráfica

Dossier, Comunicação e Imagem
www.dossier.com.pt

NIPC 501094628

Registo ICS 110856

ISSN 0396-3561

Depósito Legal 51419/91

Tiragem 1.800 Ex.

Publicação Trimestral Subsidiada

As opiniões dos autores não representam necessariamente posições da SPF.

Preço N.º Avulso €5,00 (inclui I.V.A.)

Assinatura Anual €15,00 (inclui I.V.A.)

Assinaturas Grátis aos Sócios da SPF.